

## 35º Congresso Brasileiro de Pesquisas Cafeeiras

### **MAIOR SUSCEPTIBILIDADE À LEPROSE EM CAFEEIROS DA CULTIVAR IAPAR-59 E SINTOMAS DIFERENCIADOS DA DOENÇA**

J.B. Matiello e S.R. Almeida Engs. Agrs. MAPA Procafé e Luciano A. R. Tannuri, Eng. Agr. COOPADAP

A leprose do cafeeiro, também chamada de mancha anular, é uma doença causada por um vírus e transmitida pelo ácaro *Brevipalpus phoenicis*.

A leprose é uma doença muito grave em citrus e no cafeeiro sua gravidade foi observada a partir de 2003, causando desfolha das plantas e chochamento de frutos. A doença é severa em regiões mais secas, recebendo controle sistemático em uma área problema, onde ocorre de forma mais generalizada, no Alto Paranaíba e no Triângulo Mineiro (Silva et alli, Anais do 18º CBPC, p. 22, 1992).

A susceptibilidade ou resistência genética do cafeeiro à leprose não é conhecida. Em condições de campo já foi relatado maior ataque na variedade Mundo Novo, em relação ao Catuai, sendo que essa diferença de comportamento foi atribuída à maior penetração de calor nas plantas do Mundo Novo, sabendo-se que a temperatura acelera a multiplicação e aumenta a sistemicidade do vírus na planta (Matiello et alli, Anais do 29º CBPC, p. 10 e Boari et alli, Anais do 29º CBPC, p. 368, 2005).

A maior infecção observada pela leprose em uma variedade resistente à ferrugem foi correlacionada à maior permanência da folhagem nas plantas. (Matiello et alli, in Manual de cafeicultura)

O objetivo da presente nota é o de relator observações feitas em campo sobre o maior ataque de leprose observado em lavoura da cultivar IAPAR 59 e descrever novos sintomas observados da doença.

As observações foram feitas em São Gortardo-MG, a 1100 m de altitude, em uma lavoura de 8 anos de idade, com irrigação e conduzida no sistema renque mecanizado. Verificou-se, no mesmo talhão, em linhas vizinhas, onde terminavam as linhas do IAPAR 59 e começavam as de Catuai IAC 99, que, visualmente, as folhas dos cafeeiros IAPAR 59 se encontravam com forte ataque da leprose, enquanto as de Catuai apresentavam poucos sintomas da doença. Tomou-se folhas, ao acaso, dos 2 materiais genéticos e contou-se o número médio de lesões por folha, chegando-se a 61 lesões no IAPAR contra a média de 5 lesões no Catuai. Este diferencial de ataque ocorria mesmo estando o Catuai sem qualquer infecção de ferrugem, visto ter recebido controle químico altamente eficiente.

A maior susceptibilidade verificada pode estar relacionada tanto à menor resistência genética ao vírus como à melhor condição de multiplicação do ácaro vetor na folhagem do IAPAR 59.

Outra observação foi a presença de sintomas diferenciados da doença, nos 2 materiais. A doença se localizava nos 2 últimos pares, concentrando-se, principalmente, no último par de folhas, sendo normal a doença estar mais presente nas folhas velhas. Esta condição pode estar relacionada à época da constatação, feita em julho/09, quando, provavelmente, a população do ácaro transmissor teria se deslocado para a parte externa dos ramos. A propósito, muitos ácaros foram observados, sob lupa no campo, localizados sobre os ramos, junto às axilas foliares, justamente na porção onde se encontravam as folhas mais atacadas.

Verificou-se, ainda, que a leprose apresentava sintomas nas folhas na forma de inúmeras pequenas lesões amarelas, arredondadas, diferentes das lesões comuns, maiores e muitas vezes alongadas e acompanhando as nervuras das folhas. Esta característica diferencial de sintomas pode estar relacionada ou à ocorrência de uma estirpe diferente do vírus ou a uma falta de sistemicidade devida ao clima frio.